

compreenderam que os legumes não estão na Terra por acaso e que não é bom que desapareçam. As mães fizeram mais esforços para os tornar atraentes. Uma colher de natas frescas na sopa, espetadas de legumes, beringelas bem fritas, ervilhas misturadas com toucinho, e outros truques. Os legumes estavam fascinados, de tão bonitos e bem apresentados que eram!

Hoje os legumes já não fazem greve, porque sabem que as crianças correm perigo sem as vitaminas A, B, C, D, E, F e que ficam gordas e brancas como bolas.

E ninguém quer ficar assim, pois não?



A GREVE DOS LEGUMES

Esta história passou-se há centenas de milhares de anos, quando não havia electricidade, nem televisão, nem consolas de jogos, nem computadores. Em suma, não havia nada.

As crianças de então eram muito diferentes de nós, mas tinham uma coisa em comum connosco: detestavam legumes! Como vês, há coisas que não mudam: o amor dos pais, as discussões entre irmãos e irmãs, e a guerra das crianças contra os legumes. Sempre que se lhes dava sopa, choramingavam. Quando lhes cozinhavam feijão verde, gritavam por socorro. Os legumes estavam fartos.

Numa noite de Inverno, na qual as crianças se tinham portado particularmente mal com eles, os legumes ficaram muito zangados e tristes e resolveram fazer uma reunião. Afinal de contas, ninguém gosta que digam mal de si, que digam que não se presta.

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand (2)
Paris, Albin Michel, 2005
(Tradução e adaptação)

O chefe das cenouras declarou:

— Isto não pode continuar!

— Estou farto! — gemeu o alho francês. — Quando alguém fala de mim, as crianças fazem logo caretas.

— De mim só gostam no Dia das Bruxas — disse a abóbora. — Depois, deitam-me ao balde do lixo, sem dó nem piedade.

— Se for frita ou gratinada, ainda me suportam — confessou a abóbora-menina. — Senão, preferem coxinhas de frango.

— Isto é um escândalo! Uma injustiça! — gritaram todos.

Só a batata não se queixava.

— É claro que tu estás sempre satisfeita — disse o feijão verde. — As crianças adoram batatas fritas, gratinadas, alouradas... Mas tu não és um legume e não lhes dás tantas vitaminas como nós. E se fores frita, estão eles fritos, porque só lhes dás gordura!

Entretanto, a batata dizia no seu cantinho:

— Vão falando que eu não me importo. Sempre que apareço, sou acolhida como uma estrela de cinema!

Nessa mesma noite, os legumes entraram em greve por tempo indeterminado. Desapareceram do planeta e os frutos foram com eles, em sinal de solidariedade.

Ficou apenas a batata. É claro que os pais aproveitaram e fizeram dela gato-sapato: frita, cozida, assada, serviam-na de todas as formas. As crianças estavam felizes: acabara-se a sopa de cenoura, os espargos

salteados, os tomates fatiados. Apenas tinham pena das ervilhas, que não detestavam totalmente. Agora só havia lentilhas, trigo, pastas e arroz.

Com os legumes, tinham desaparecido também as discussões familiares, cheias de frases do género:

— Come a sopa!

— Acaba o prato!

— Vou contar até três! Depois...

No início, as crianças ficaram felizes da vida. Mas, após algumas semanas, passou-se algo de curioso. A Terra ficou sem cores. Até parecia que tinha caído num banho de lixívia. A Natureza parecia um filme a preto e branco. As crianças perderam o tom rosado das faces e da pele, e depressa se fartaram de correr e de saltar, porque se sentiam sempre cansadas. Os dentes cariados também lhes davam muitas dores.

Os médicos diagnosticaram falta de vitaminas, o que irritou os pais, porque não podiam colher legumes em parte alguma. Fez-se apelo a mágicos de todo o mundo, para que encantassem os legumes e os fizessem aparecer de novo.

Os legumes, bem escondidos, escutavam as suaves melodias que lhes entoavam e sentiam-se felizes. O coração da cenoura batia, o tomate corava, o feijão verde tremelicava, as ervilhas davam saltinhos. Sempre era diferente de ouvir insultos...

Nesse mesmo dia, os legumes reapareceram. E a Terra retomou as suas belas cores e o seu apetite de viver. A partir de então, as crianças